

escrito com palavras e construção mais ou menos cultas, segundo a cultura e a ilustração do médium.

Isto, porém, que, *prima facie*, faz suspeita a comunicação, não é, se bem se reflete, senão um resultado lógico e natural que facilmente se explica, tão facilmente como a comunicação estritamente mecânica.

Para o Espírito, as palavras nada são — o pensamento é tudo; ele comunica seu pensamento ao médium — e, enquanto vê que este o interpreta fielmente, deixa que o escreva com as palavras que lhe parecerem.

Por esta razão, raras vezes um Espírito elevado se serve de um médium intuitivo de escassas luzes, para comunicações importantes.

Terá com êle conversações íntimas ou dar-lhe-á conselhos familiares; mas, para assuntos sérios ou matérias de importância, preferirá servir-se de quem, embora incapaz de compreender os conceitos que lhe transmite, possa, em maior ou menor grau, corresponder-lhe e corretamente formulá-los.

VII

A comunicação não é um fenômeno sobrenatural nem contranatural. O perispírito. Hipóteses.

A nosso vêr, o ato da comunicação dos Espíritos com o homem, fantástico e, por isso mesmo, suspeito, se o considerarmos ligeiramente, não é, se bem refletirmos senão o resultado de nova lei natural, desconhecida dos nossos antepassados, mas lobrigada pela presente geração, que a descortina, lá, nos seus longínquos horizontes — e que será do domínio das vindouras gerações.

Assim como se ignoraram, em outros tempos, a maior parte das leis cosmológicas que formam a ciência astronômica de nossos dias, a influência do vapor, a existência da eletricidade e do magnetismo, e tantos outros fenômenos e leis naturais, que têm vindo sucessi-

vamente alentar e recompensar os esforços da inteligência humana, assim também pode permanecer, e permaneceu, ignorado, o fenômeno da comunicação, sem que isto prove contra a existência da lei por virtude da qual se produz êsse fenômeno.

Jesús, como Galileu, foi vítima do ridículo e do anátema da igreja oficial; entretanto, a Terra continua girando em torno do sol, conforme os ensinos de Galileu — e as doutrinas evangélicas transformaram a humanaidade e conquistaram o império moral do mundo civilizado.

Os progressos realisam-se através dos séculos, com admirável sucessão, sem violências nem impetuosos abalos.

O solo não recebe a semente sem ter sido convenientemente preparado, e a semente não se converte em saboroso fruto, senão depois de ter triunfado dos ventos e das tempestades.

Moisés preparou o coração dos homens — e Jesus derramou nele a semente santa do Evangelho.

Neuton não podia nascer antes de Galileu.

A idéia da pluralidade dos mundos não teria alcançado carta de naturalização entre os homens, se antes o telescópio não tivesse posto o mundo planetário ao alcance da sua investigadora atividade.

O fluido electro-magnético rasgou novos horizontes, ignorados panoramas, às investigações humanas; e talvez não esteja longe o dia em que o estudo dos fluidos nos leve ao descobrimento dessa lei natural que pressentimos sem conhecê-la: o fenômeno, tão combatido e condenado, da comunicação dos Espíritos.

S. Paulo, em sua primeira epístola aos coríntios, afirma que o homem tem dois corpos: um, animal, pelo qual o Espírito comunica com o mundo material — outro, espiritual, fluídico e incorruptível, que serve de intermediário entre a alma e o corpo material.

Desta opinião participaram sábios eminentíssimos, desde a mais remota antiguidade — e participa a escola espírita, que distingue o corpo espiritual com o nome de perispírito.

Este nos dá a chave dos fenômenos psicológicos, e, sem ele, seria de todo incompreensível a manifestação ou influência do princípio inteligente sobre o organismo humano.

Ele é também um raio de luz no mistério da ressurreição da carne, que seria inadmissível, caso se referisse à ressurreição dos corpos animais.

Com tais precedentes, a obscuridade que envolve a comunicação espírita cessa completamente e começa-se a vêr, com alguma claridade, a existência da lei que rege o fato.

Duas coisas há a estudar no fato da comunicação: a transmissão do pensamento e a força que dirige o movimento da pena ou de outro qualquer objeto.

A primeira, isto é, a transmissão do pensamento pôde ser o resultado de uma corrente fluídica entre o Espírito livre que se move no fluido universal, e a inteligência do homem — a segunda, isto é, o movimento da pena ou outro objeto, realisa-o o Espírito com o seu invólucro fluídico sobre o fluido em que se acham mergulhadas as moléculas materiais do objeto, em que se exerce a atividade do mesmo Espírito.

Isto que acabamos de dizer, não o damos como afirmações indiscutíveis; pois que não nos presumimos de mestres em tão difíceis matérias.

Apenas o indicamos aos que podem, com maior proficiência, levar além seus estudos — para que os cepticos se persuadam de que o Espiritismo está na posse da verdade e da fé, pelas vias da ciência.

VIII

Autenticidade das comunicações.

Com raras exceções, as comunicações escritas são assinadas pelo Espírito que as dita.

Seus nomes são ás vezes desconhecidos; porém, muitas outras, são de amigos ou de personagens que, por seu saber ou virtudes, se fizeram conhecidos na história da humanidade.

No primeiro caso, não há dificuldade, pois que não sendo o Espírito conhecido, julgamô-lo pela comunicação que dá; no segundo, porém, quem nos assegura a autenticidade da assinatura — quem nos assegura que foi realmente o Espírito do nosso amigo, que moveu a mão do que escreveu o comunicado e bem assim, que foi o personagem histórico, que revela essa assinatura?

Essas dificuldades, no entanto, são mais aparentes do que reais, e não devem ser motivo de desânimo na continuação da prática da mediumidade.

Ainda mais. Essa incerteza é necessária e proveitosa; já porque nos leva a estudar a verdade da comunicação, pondo-nos em constante vigilância contra as sugestões que possam induzir-nos a êrro e desviar-nos do caminho do bem; já porque, por ela, se nos reserva completa liberdade de arbítrio e o mérito de nossos atos morais.

A autenticidade das assinaturas só poderia ser provada, de maneira indubitável, pela visão constante dos Espíritos — visão que seria nada menos que a evidência da nossa sorte futura e a anulação completa da nossa atividade individual.

A evidência da autenticidade das assinaturas não poderá ser absoluta; porém, poderá sê-lo quanto seja suficiente para tranquilizar-nos.

Já que não podemos verificar com segurança, pelos